



SEÇÃO ESTÉTICA

Incorporação e comprometimento: pode a via estética de Arnold Berleant dar sentido à ação ambiental?

Embodiment and Engagement: Berleant's Aesthetics and Environmental Action

Incorporación y compromiso: La estética de Berleant y la acción ambiental

Maria José Varandas¹

orcid.org/0000-0002-4374-2739

mariajosevarandas1@gmail.com

Received on: 22 set. 2021.

Approved on: 1 out. 2021.

Published on: 27 dez. 2021.

Resumo: Neste artigo apresentamos as principais linhas de determinação da abordagem estética de Arnold Berleant, assim como as objeções que lhe são lançadas pelo filósofo ambiental Holmes Rolston III. Tratando-se de uma perspectiva emotivista, a conceptualização de Berleant não faculta a compreensão de uma estética da natureza de significado ético, penalizando, deste modo, o diálogo entre a apreciação estética e a ação. No entanto, a nosso ver, a dimensão sensível do apreciador aqui retratada, constitui uma valiosa perspectiva sobre a multidimensionalidade da experiência estética da natureza e, logo, um contributo fundamental que deve ser integrado e afirmado na correlação entre a estética e a ética ambientais.

Palavras-chave: Estética da natureza. Ética Ambiental. Percepção estética. Incorporação. Comprometimento.

Abstract: In this article we present the main lines of determination of Arnold Berleant's aesthetic approach, as well as the objections raised by environmental philosopher Holmes Rolston III. Since this approach is an emotivist perspective, Berleant's conceptualization does not provide an aesthetic of nature with ethical meaning, thus penalizing the dialogue between aesthetic appreciation and action. However, in our view, the appreciator's sensitive dimension portrayed here constitutes a valuable perspective on the multidimensionality of the aesthetic experience of nature and, therefore, a fundamental contribution that must be integrated and affirmed in the correlation between environmental aesthetics and ethics.

Keywords: Aesthetics of nature. Environmental Ethics. Aesthetic perception. Embodiment. Engagement.

Resumen: En este artículo presentamos las principales líneas de determinación del enfoque estético de Arnold Berleant, así como las objeciones planteadas por el filósofo ambiental Holmes Rolston III. Al tratarse de una perspectiva emotivista, la conceptualización de Berleant no proporciona una comprensión de una estética de la naturaleza con significado ético, penalizando así el diálogo entre apreciación estética y acción. Sin embargo, a nuestro juicio, la dimensión sensible del apreciador aquí retratada constituye una valiosa perspectiva sobre la multidimensionalidad de la experiencia estética de la naturaleza y, por tanto, un aporte fundamental que debe integrarse y afirmarse en la correlación entre estética ambiental y ética.

Palabras clave: Estética de la naturaleza. Ética medioambiental. Percepción estética. Incorporación. Compromiso.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença

[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL), Lisboa, Portugal.

A apreciação estética como experiência de incorporação

A apreciação ambiental não consiste apenas em ver com aprovação um cenário encantador; é seguir por uma estrada de campo ventosa, vadiar ao longo de um trilho, remar pelo curso de um ribeiro, e, em todas estas atividades, estar agudamente atento aos sons, aos cheiros, à sensação do vento e do sol, às *nuances* de cor, forma e padrão. [...] Ela aparece no nosso sentido quinestésico das massas e dos espaços que nos incorporam. *Incorporar* é uma boa palavra aqui, pois isto significa literalmente impregnar os nossos corpos, e este comprometimento com o todo é o que a experiência estética do ambiente envolve (BERLEANT, 1997, p. 13, tradução nossa).²

Nesta passagem do livro *Living in the Landscape* (1997) estão contidas as linhas conceptuais que desenham o enquadramento teórico da apreciação estética em Arnold Berleant expressas pelos termos comprometimento, incorporação, sensação, totalidade. A análise que efetuaremos examinará estes signos estruturadores no intento da sua clarificação conceptual. Antes, porém, dois pontos prévios se nos impõem sobre o modelo em questão:

Em primeiro lugar, frisamos que não há em Berleant uma teorização específica da apreciação estética da natureza, mas, sobretudo, a delineação de conceitos-chave que definem a sua proposta de uma estética geral. Em segundo lugar, sublinhamos que esta abordagem fenomenológica da experiência estética constitui, no conjunto das diversas abordagens de estética ambiental, uma interpretação pertinente e relevante da apreciação estética da natureza na sua imediatidade, ou seja, enquanto relação vivida, num primeiro e fundamental momento, pelo corpo.

Com efeito, se o desenho conceptual de apreciação estética escorado no comprometimento (*engagement*)³ e na continuidade homem/natu-

reza evoca os grandes naturalistas (por exemplo John Muir e Aldo Leopold) e, nesse sentido, em Berleant a natureza, por vezes, parece surgir com uma presença e realidade próprias, em rigor, os seus escritos enfatizam o significado cultural das naturezas não distinguindo, em consequência, modalidades de apreciação estética em diferentes planos de referência (seja um troço selvagem, um jardim, uma intervenção arquitetónica, ou uma pintura), porquanto todos esses planos colhem uma mesma interpretação na estética que defende, a "Estética do Comprometimento".⁴

Em Berleant, o pressuposto de que o sujeito estético é um ser estésico que intui o belo no imergir de sensações, configura a apreciação estética, a um tempo, como subjetividade e totalidade. Totalidade que compreendemos em duplo sentido, não só porque envolve de modo fusional o ser sensível e o dado, eliminando a distância entre o que sente e aquilo que é sentido, mas também, porque, ela é, antes de qualquer determinação, uma experiência de corporeidade que não se reduz à visualidade e, menos ainda, à cognição. Encarar a apreciação estética no sentido físico, sênsil, como manifestação de um sentir que envolve fisicamente o apreciante, relativiza *isso* que é dado à apreciação, seja objeto artístico, seja um céu composto de estrelas. Antes de qualquer determinação, aquilo que importa ter em conta é a própria estese do sujeito, nodo de expressão de unidade que é totalidade.

Entrevimos no conceito de *Todo*, duas ações que reenviam para distintos (ainda que complementares), planos semânticos – o fenomenológico e o epistemológico. Se por um lado, o significado do *todo* radica na amplitude de sensações do apreciante que funde sujeito e objeto numa unidade que é totalidade, por outro, esta mesma indistinção entre sujeito e objeto torna inviável a dicotomia natureza-cultura e conduz

² Do original: Environmental appreciation is not just looking approvingly at lovely scenery, it is driving down a winding country road, tramping along a hiking trail, paddling the course of a stream, and, in all such activities, being acutely attentive to the sounds, the smells, the feel of the wind and sun, the nuances of color, shape, and pattern. [...] And it arises in the kinaesthetic sense of the masses and spaces that incorporate us. *Incorporate* is a good word here, for it means literally to bring our bodies in, and this engagement in a whole is what aesthetic experience of environment involves.

³ Optámos por traduzir *engagement* por comprometimento, embora admitindo o termo engajamento.

⁴ Cf. os ensaios "Ideas for a Social Aesthetic" (2005) e "Notes for a Cultural Aesthetic" (2002). A este respeito registam-se as palavras de Berleant em "A Estética da Arte e da Natureza": "O que aproxima a beleza natural das artes são algumas semelhanças na nossa relação e resposta: ambas podem ser experimentadas perceptivamente e ambas podem ser apreciadas esteticamente" (2011, p. 296)

o autor para a defesa de uma teoria unificada e unificadora que acomode a arte e a estética da natureza numa única e mesma experiência.

Quando Berleant assume a totalidade formada pelo homem e o seu envolvente,⁵ o que se torna prevaletente nesse assumir não é a afirmação de uma exterioridade que se intui de modo privilegiado pela via estética como um Todo do qual o homem faz parte. Pois, neste caso, admitir-se-ia a natureza realista da experiência estética como um modo específico de síntese unificadora da apreensão fenoménica, cuja presença objetiva é garantida ou por uma autoria divina, como se constata em Shaftesbury, Rousseau, Thoreau, Emerson, entre outros, ou pela admissão da Natureza como exterioridade e totalidade, uma realidade sistémica dinâmica constitutiva de todos os seres (por exemplo em Leopold, Callicott, Rolston, Carlson). Neste contexto conceptual, a representação do Todo afirma-o como *dado* primordial que justifica a crença na relação entre distintas entidades – Todo/Particular; Natureza/Homem – convocando uma ontologia dualista e uma lógica de inerência ou de pertença⁶ e orientando-se para o naturalismo (as propriedades estéticas são supervenientes de propriedades naturais) e para o realismo da crença (admissão da existência objetiva e independente das entidades físicas e/ou metafísicas – Natureza, Bem, Belo, Deus). Contudo, uma epistemologia dualista é completamente alheia ao não-cognitívismo e ao emotívismo de Berleant, porque tal suporia como instância prévia a compreensão da apreciação estética em termos de sujeito/objeto; apreciante/apreciado, o que é liminarmente rejeitado por Berleant⁷ quando defende que o Todo, a unidade entre o eu e o envolvente, ocorre na imediatidade

da experiência percetiva, enquanto experiência de abertura enraizada na coexistência entre o que sente e o seu entorno (o qual não tem existência própria fora da perceção), e se manifesta como experiência de corporeidade. O corpo consoma, por conseguinte, a unidade que é totalidade, eliminando a polaridade sujeito/objeto (estruturas cognoscitivas que 'vivem' no distanciamento e na separação epistémicos). Assim, a totalidade é captada como indissolúvel *continuum*⁸ entre o contemplador e o contemplado e sentida/vivida como experiência de incorporação ("embodied experience"). Trata-se, por conseguinte, de uma experiência total do corpo ocorrente na imediatidade sênsil em que o gosto, o tato, a visão, o olfato, a audição, a quinestesia, se fundem numa experiência subjetiva de comprometimento com o exterior, fora de qualquer modelação conceptual da realidade que tenda à sua objetivação. Sublinha-se, porém, e sem deixar o terreno do emotívismo, que esse corpo estético, matriz de sensações múltiplas, é também corpo mnésico, ou seja, transporta uma memória na qual coalescem crenças, opiniões, atitudes, e essa memória culturalmente enraizada⁹ projeta a experiência estética para além do 'puro' subjetívismo; por isso, em última instância, o significado da experiência estética é social, já que "aqui, ou em outro campo, o pessoal vem infuso no social" (BERLEANT, 1997, p. 13, tradução nossa).¹⁰ Esta experiência fusional, de incorporação, entranhamento, que, na imediatidade da perceção, arrebatava o homem e o lugar (mundo natural-cultural) é, por conseguinte, radicalmente, uma experiência do corpo. Assinalamos, neste ponto, a presença das teses da fenomenologia de Merleau-Ponty reconhecidamente assumidas por Berleant.¹¹ Se

⁵ "An integral whole. [...] is an interrelated and interdependent union of people and place, together with their reciprocal processes"; "Um todo integral [...] é uma interrelacionada e interdependente união das pessoas e do lugar com os seus processos recíprocos" (BERLEANT, 1997, p. 14, tradução nossa).

⁶ Berleant, no curso dos seus escritos, reiteradamente refuta a visão dicotómica do real e acusa a tradição cartesiana de efectuar uma inultrapassável alienação do 'eu' face ao mundo. A sua crítica ao cognitívismo de Carlson assenta nesta linha de interpretação: o cognitívismo científico carlsoniano constitui uma via de legitimação da dualidade sujeito/objeto; natureza/cultura (ver VARANDAS, 2016).

⁷ "Aesthetic engagement renounces the traditional separations between the appreciator and the art object, the artist and the viewer"; "A Estética do Comprometimento renuncia à tradicional separação entre o apreciante e o objeto, o artista e o espectador", (BERLEANT, 2005, p. 28, tradução nossa).

⁸ "This [continuity] is the primary milieu of aesthetic experience and secures its contextual character" (BERLEANT, 2005, p. 28).

⁹ Assinala-se a convergência entre Berleant e Merleau-Ponty na ideia de um social originário. Para o filósofo francês, o social já lá está quando o conhecemos ou julgamos. Ele existe surdamente como solicitação (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 415).

¹⁰ Do original: Here as elsewhere, the personal is infused with the social.

¹¹ "In elaborating ideas of the body, flesh, the chiasm, space and reversibility, Merleau-Ponty's phenomenological approach to this

Merleau-Ponty afirma "*Je suis mon corps*" ("*Eu sou o meu corpo*"), Berleant declara, "*My body seems most intimately myself*" ("*Intimamente, o meu corpo parece o meu eu*").¹² O corpo não é, em Berleant, simplesmente um ponto de partida ou um centro vazio. Ele exprime, em si mesmo, um processo ontogenético que evolui por entre os diversos materiais da cultura, história e circunstância. Neste sentido, o corpo é tudo aquilo que somos.¹³ Profundamente, ele constitui a expressão de uma identidade forjada no espaço que o habita. Sem essa ligação somática ao lugar permaneceríamos em exílio, "fora do nosso domicílio", afirma Berleant (1997, p. 100) desvelando com estas palavras o sentido ontológico da apreciação estética, num declarado tributo à fenomenologia merleau-pontyana:

[...] o meu corpo [...] está no tecido do mundo [...] mas, na medida em que vê e se move ele tem as coisas circularmente à sua volta, elas são um anexo ou um prolongamento dele próprio, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena e o mundo é feito do próprio material do corpo.¹⁴

Como se depreende desta transcrição, em Merleau-Ponty a afirmação da corporeidade exprime a ideia de que a interioridade do percecionante é, de igual modo, uma exterioridade, pois ambas as dimensões ocorrem na experiência primordial e corporal da percepção do mundo, a experiência básica, nascente do ser. Ainda que Berleant aponte algumas insuficiências à teoria inacabada de Merleau-Ponty¹⁵ tal não denega a determinante influência do filósofo francês no desenho do seu pensamento, ressonante em afirmações como, "O corpo é uma concentração de forças que são parte de um campo mais vasto – não um corpo, mas um *si* – Eu sou um campo

de cargas" (BERLEANT, 1997, p. 105, tradução nossa, grifo nosso).¹⁶

O significado da continuidade eu-mundo¹⁷ em Berleant não pode ser representado como, por exemplo, uma linha que liga duas pontas opostas, mas antes como uma mesmidade que se funde¹⁸ na experiência do corpo. É neste sentido que a continuidade é entendida como "incorporação", à semelhança da semântica merleau-pontyana, de homogeneidade ontológica – a carne, o corpo são o vivente, já que tudo o que vive e é manifesta o Ser incarnado:

O lugar é o mundo que é a minha carne, um corpo que eu posso amar como a mim mesmo [...] Uma paisagem, um ambiente [...] é experiência incorporada. E como tal é a nossa carne, o nosso mundo, nós mesmos (BERLEANT, 1997, p. 109, tradução nossa).¹⁹

1 O comprometimento/engajamento como dimensão fundamental da apreciação estética

Como referido, a apreciação estética constitui a via privilegiada de revelação da continuidade ontológica do apreciante e o seu entorno, pelo comprometimento físico que envolve ambos numa unidade que é totalidade; em Berleant, a solicitação do mundo que convoca uma resposta plena da percepção torna claro o seu modo de ser essencial como experiência de corporeidade. O apreciante é convocado em todas as dimensões da percepção e a sua resposta (corpórea) é, significa, em essência, o comprometimento/engajamento, «*engagement*», entre ele e o mundo:

A continuidade sintetiza a plenitude do engajamento estético [...] Quando o engajamento estético é mais intenso e complexo atinge essa completude de valor a que chamamos

question sought to overcome the ontological separations that order, or disorder, the human world. Although Merleau-Ponty died before he was able to fully clarify his insights and emancipate philosophical thought from the burden of its divisor story, his emphasis on the body has rich significance for a philosophy of nature that recognizes the interconnectedness of the human and the natural" (BERLEANT, 1997, p. 102).

¹² BERLEANT, 1997, p. 98.

¹³ Ibid., p. 99.

¹⁴ MERLEAU-PONTY, (1964, p. 16-17, 19).

¹⁵ BERLEANT, 1997, p. 101-105.

¹⁶ Do original: The body is a concentration of forces that are part of a larger field- not a body but a self: I am a charged field.

¹⁷ "In continuity lies identity" (BERLEANT, 1997, p. 124).

¹⁸ "That fusion of self and place" (BERLEANT, 1997, p. 123).

¹⁹ Do original: Place is the world that is my flesh [...] a body that I can love as my own [...] A landscape, an environment, even mores embodied experience.

beleza. Uma estética do corpo é uma estética do ambiente.²⁰

A apreciação estética, como toda a experiência, é um *engajamento* do corpo, o corpo estético, que procura alargar e realizar as possibilidades de percepção e sentido.²¹

O que significa este engajamento que é comprometimento de que fala Berleant? A dimensão sinestésica aparece irrevogável à condição do ente humano, enquanto ser-ai. O lugar é-lhe constitutivo, penetrando pela porosidade corpórea – pele, boca, olhos, ouvidos, nariz – e inundando-o de sensações, cujo matiz próprio especifica *aquele* lugar, i. e., o lugar que se lhe entranhou, que o incorporou, mesmo que fugazmente, e não outro qualquer. E, quer queira quer não, isso compromete-o, engaja-o. A radicalidade desse comprometimento/ engajamento, significa que não se trata de uma atitude tomada por decisão racional (ética) nascida da consciência de pertença, mas antes da percepção do que aparece como irreprimitível revelação da continuidade existencial entre o dentro e o fora, configuradora do ser que se é, do *self*.

Dai que em Berleant, a ideia de comprometimento careça de explícito significado ético, porquanto se contextualiza no horizonte ontológico onde ocorrem as dimensões que a forjam - corpo, totalidade, continuidade. O corpo, sinestesia e quinesesia, ou seja, corpo-estético, é o lugar da multiplicidade irreprimitível de sensações fluentes em si. Ritma-o um coração que pulsa ao compasso de inspirações e expirações, esse «respirar no Ser» de que fala Merleau-Ponty²². Neste sentido, o corpo habita o lugar tanto quanto é habitado por este. O comprometimento/engajamento enraiza-se neste irremissível nó que ata o corpo

perceptivo, sensível à sua circunstância, ao seu lugar, ao mundo.

Assim, no duplo modo de incorporação e comprometimento, a apreciação estética constitui a via privilegiada de abertura (*disclosure*) do Ser, e de total entrega às torrentes de impressões que inundam o corpo e que lhe trazem a terra e o mundo, ao mesmo tempo em que lhe desvelam a sua estrutural identidade. O carácter existencial desta experiência que convoca profundamente o ser identitário, próprio, constitui-a como situação ôntica aberta ao Ser e sentido

O ambiente estético não é simplesmente um cenário agradável à minha frente, uma vista longínqua ou um objeto captado por binóculos [...] Está por todo o lado, à cerca de mim. Inclui não apenas o que está à frente dos olhos, mas o que está por detrás das minhas costas, sob os meus pés, acima da minha cabeça [...] nas sensações quinesísticas do meu corpo em movimento, no sentir do sol e do vento na minha pele [...] nos sons que vindos de todo o lado atraem a minha atenção. [...] Isto é o engajamento estético e a apreciação ambiental pode exemplificar esta experiência de modo claro e poderoso. [...] A experiência ambiental é, então, esteticamente rica. Infunde nas, geralmente excepcionais, ocasiões uma profunda ressonância de associação e sentido. E proporciona uma oportunidade irrevogável para ampliar a nossa percepção, para nos descobrirmos a nós mesmos, ao descobrir o nosso mundo (BERLEANT, 1992, p. 27-29, tradução nossa).²³

Dado o exposto, inevitavelmente em Berleant a estética do comprometimento, enraizada na experiência corpórea de participação imersiva em uma unidade corpo-mundo que é continuidade, ocorre tanto na arte como na natureza; pois, de modo análogo ao que acontece na apreciação estética da natureza, o maravilhamento e admiração perante uma escultura, uma partitura ou um jardim, constituem ocasiões de revelação da

²⁰ Do original: Continuity epitomizes the fullness of aesthetic engagement [...] And when aesthetic engagement is most intense and complete, it achieves that fulfilment of value we call beauty. An aesthetics of the body is an aesthetics of environment (BERLEANT, 1997, p. 110).

²¹ Do original: Aesthetic appreciation, like all experience, is an engagement of the body, a body aesthetic that strives to extend and realize the possibilities of perception and meaning (BERLEANT, 1997, 110-111).

²² MERLEAU-PONTY, 1964, p. 32.

²³ Do original: The aesthetic environment is not merely a pleasing scene that lies before me as a distant view or an object framed in binoculars [...] It is everywhere, all about me. It includes not only what lies before my eyes but what is behind my back, beneath my feet, above my head [...] in the kinesthetic sensations of my moving body, in the feel of sun and wind on my skin [...] in the sounds from every direction that attract my attention. [...] Environmental experience is, then, aesthetically rich. It infuses the most exceptional occasions with deep resonances of association and meaning. And it provides an inexhaustible opportunity for enlarging our perception, for discovering ourselves in discovering our world."

humanidade do homem, o ente em que, na profundidade, riqueza e singularidade (*uniqueness*) da experiência sensorial, se coloca em presença do numinoso, esse mistério desvelado na experiência estética que lhe é simultaneamente imanente e transcendente.²⁴

Daí que o autor defenda uma teoria geral de Estética englobante da natureza e da arte, porque, segundo as suas palavras, no fim de contas tanto a natureza como a arte são *constructos* sociais e em consequência não estamos a falar de "duas coisas, mas de uma".²⁵ A ênfase no significado cultural da apreciação estética é, de igual modo, declarada quando a questão incide sobre a relação entre a estética e a ética. "A estética, então, não é o escape ilusório do mundo moral, mas, no fundo, é tanto o seu guia como a sua realização" (BERLEANT, 1992, p. 13).²⁶ presume Berleant, reforçando esta convicção na análise que efetua à estética da negatividade. Com efeito, o negativo (o percebido como esteticamente repulsivo ou hediondo) contém, em diferentes graus de intensidade, conteúdo moral, convocando o sentimento moral de repugnância²⁷ e exprimindo, por vezes de forma clara, a presença da dimensão moral na significação do valor estético.

A estética oferece uma base para a crítica social precisamente porque ela, como a moralidade, está enraizada numa experiência que é similar em modos fundamentais. [...], como a moral, a experiência estética tem sempre lugar no domínio cultural possuindo uma história e uma tradição, e onde, em última instância, o seu valor é julgado coletivamente. A omnipresença da componente moral confirma e reforça o carácter social dessa experiência (BERLEANT, 1997, p. 80-81, tradução nossa).²⁸

Dada a configuração fenomenológica da estética de Berleant, não é claro como é que uma tal estética pode acomodar uma ética, pois que para este filósofo falar de ética, estética, natureza, é, fundamentalmente, falar de cultura. O ambiente, enquanto natureza vivida,²⁹ é inseparável da história do homem, da sua cultura. É a cultura que contextualiza a própria corporeidade e as diversas manifestações do ser humano, tal como o 'carácter' dos lugares onde ocorrem. É nela que se revela a inscrição ontológica de todos os atos e dizeres do homem, por isso, em última instância a estética é uma modalidade fundamental de uma filosofia da cultura,³⁰ e a ética a expressão do sentimento de amor. Evocando Schiller, Berleant enfatiza o carácter social da estética na modelação do ser como ser moral e, em consequência, na sua essencial vocação cultural concorrendo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunidade humana:

Uma estética social substitui o padrão do conflito por um modelo de reciprocidade e apoio e este é realmente um modelo de amor. No fundo e no seu melhor, oferecendo um novo sentido para a tolerância, reciprocidade e igualdade, uma estética social proporciona a base para uma comunidade verdadeiramente humana. Era isto que Schiller nos convidava a ver? (BERLEANT, 2005, p. 36, tradução nossa).³¹

2 Rolston: a apreciação estética – uma experiência de co-autoria

Por entre as críticas e objeções lançadas à Estética do Comprometimento, enunciadas por eticistas e esteticistas ambientais (cognitivistas como, por exemplo, Allen Carlson) elegemos as

²⁴ "[...] the quality of numinousness persists in the sense of immanence we sometimes obtain in nature and art, and which is the fulfilment of aesthetic engagement" (BERLEANT, 1992, p. 174).

²⁵ "A single aesthetic applies to nature and to art because, in the final analysis, they are both social constructs, and so we are talking not about two things but about one" (BERLEANT, 1992, p. 174).

²⁶ Do original: Aesthetics, then, is no illusory escape from the moral realm but ultimately becomes both its guide and its fulfilment.

²⁷ "What emerges from reviewing the range of aesthetic negativity is that a moral content is present to some degree in each of its modes" (BERLEANT, 1997, p. 80).

²⁸ Do original: The aesthetics offers a basis for social criticism precisely because it, like morality, is grounded in experience that is similar in basic ways. [...] like moral, aesthetic experience always takes place in a cultural realm having a history and a tradition, and where its value is ultimately judged collectively. The omnipresence of a moral component confirms and reinforces the social character of such experience.

²⁹ "[...] no environment that we can know and speak about is without a human presence [...]", BERLEANT, 2005, p. 30.

³⁰ BERLEANT, 2005, p. 24.

³¹ Do original: A social aesthetics replaces the pattern of conflict with a model of mutuality and support and is really a model of love. Ultimately and best, in giving new meaning to tolerance, reciprocity, and equality, a social aesthetic offers the basis for a truly humane community. Is this what Schiller was leading us to see?

que lhe são tecidas por Holmes Rolston III, filósofo ambiental na esteira de Aldo Leopold.

Rolston refuta o erro de modelar a apreciação estética da natureza equiparando-a ou confundindo-a com a apreciação do belo artístico. A argumentação do autor em defesa da especificidade da estética natural socorre-se de múltiplos exemplos retirados dos dinamismos naturais como, entre outros, o do grou-canadiano que, tanto na sua elegância e cor como no grito ressonante na pradaria, não pode ser tomado como objeto artístico. Muito pelo contrário, afirma Rolston, ele é vida selvagem, autónoma, pulsional, cuja integridade e energia contrastam com a condição inerte do objeto artístico. Ou seja, no que respeita à estética natural há sempre *lá fora* um acontecer vibrante, profuso e dinâmico que se oculta sob a beleza, uma *estética do invisível*³² sobre a qual importa pensar, e que não é imediatamente captada:

As cores outonais das folhas são adoráveis. Elas resultam da degradação e substituição da clorofila (que se experiencia como verde). Que cores! Brilhantes e profundos vermelhos, púrpuras, tons de castanho subtis. [...] Nenhuma cor fruída pelos visitantes humanos durante algumas horas é inteiramente epifenomenal em relação ao que está realmente a acontecer (ROLSTON, 2008, p. 328, tradução nossa).³³

Diferentemente de Berleant, para Rolston, a apreciação estética da natureza exprime o modo humano de apreender o mundo no contexto de uma experiência intersubjetiva e relacional, onde se apresentam a interioridade e a exterioridade consumando uma experiência de coautoria: a Natureza emite sinais/propriedades, o humano interpreta-as. Segundo Rolston é o chamamento

de fora que mobiliza, em simultâneo, os diferentes e complementares planos do perceber e do sentir, e que desvela um horizonte da ação desejável, já que, "onde há uma experiência estética agradável há, certamente, o desejo de preservá-la".³⁴

Rolston critica abertamente Berleant, aludindo com ironia: "Uma paisagem é como um armário de roupa, vazio e sem significado sem o usuário. Sem a presença humana, nada mais possui do que possibilidades" (BERLEANT, 1997, p. 18 apud ROLSTON, 2008, p. 329, tradução nossa),³⁵ e refutando a sua posição teórica com uma analogia:

A ética estética seria uma espécie de ética luz-no-frigorífico. A luz aparece quando abrimos a porta; até aí tudo está às escuras. Mas provavelmente a maneira de pensar sobre isso é que, quando abrimos a porta vemos o que já lá está. O bolo no frigorífico não é doce enquanto o não comermos, nem bonito enquanto não o admiramos. Isto são possibilidades, mas possibilidades sem nós. Porque o bolo está lá com as suas propriedades, abramos a porta ou não. [...] Talvez a estética ética vendo apenas possibilidades faça vista grossa a realidades mais profundas (ROLSTON, 2008, p. 329-330, tradução nossa).³⁶

Segundo Rolston, a gnosiologia monista que defende o *continuum* sujeito-objecto e a negação da dicotomia natureza-cultura, tanto em Berleant, como em todos os que encaram a realidade como *mundividência* (*world-view*), mostra uma subjetividade hipertrofiada, a fonte e a foz da experiência estética e reduz a realidade a uma ideia da cultura, fundada em um 'eu' que configura e constitui o mundo, o qual se reduz sempre ao *meu/nosso mundo*, já que, como afirma Berleant, "não há um mundo lá fora. Não há lá fora...".³⁷ Rejeitando a "sofisticada" epistemologia

³² BECKERT, 2007.

³³ Do original: The fall leaf colors are lovely. They result when the chlorophyll (experienced as green) is withdrawn. What colors! Bright and deeper reds, purples, yellows, subtle shadows of brown. They result from the chemicals that remain, earlier overwhelmed by the chlorophyll. The hiker's aesthetic experience increases on such days. But none of this has anything to do with what is actually going on in the forest. The chlorophyll is capturing solar energy. The residual chemicals defend trees against insect grazing or serve other metabolic functions. Any color enjoyed by human visitors is entirely epiphenomenal to what is really taking place.

³⁴ ROLSTON, 2008, p. 329.

³⁵ Do original: A landscape is like a suit of clothes, empty and meaningless apart from its wearer. Without a human presence, it possesses only possibilities.

³⁶ Do original: The aesthetic-ethic will be a sort of light-in-the-refrigerator ethic. The light comes when we open the door; until then everything is "in the dark". But maybe the way to think of it is that, when we open the door, we see what is already there. The cake in the refrigerator isn't sweet until we eat it, nor is beautiful until we admire it. These are always possibilities, but only possibilities without us. But then again the cake is actually there with all its properties, whether we open the door or not. [...] Maybe the aesthetic-ethic, seeing only possibilities, is overlooking deeper actualities.

³⁷ Do original: For there is no outside world. There is no outside...Person and environment are continuous (BERLEANT, 1992, p. 4).

pós-moderna, Rolston conjectura com ironia:

Então, aparentemente, teremos de procurar em todo o mundo, a Terra, tentar encontrar a natureza a sério. Não, a busca é impossível – os objetores continuam – porque o problema não é o que procuramos, um mundo-Terra, é o modo com que procuramos, uma mundividência: a nossa razão, a nossa cultura, a sua linguagem[...] proíbe qualquer teoria de correspondência da verdade. Nem poderemos fazer descrições, muito menos avaliações, da natureza como se ela estivesse fora de nós. Esse é o “mundo definitivamente perdido” (ROLSTON, 1997, p. 39, tradução nossa).³⁸

A anulação do mundo natural, reduzindo-o a umas quantas sinapses nos meandros circunvolucionários da consciência humana não convence Rolston porquanto, “a natureza é constitutiva da cultura [...] Nenhuma cultura poderá, alguma vez, ser independente da natureza. A cultura terá sempre de ser construída (constituída) a partir da natureza” (ROLSTON, 2001, p. 275, tradução nossa)³⁹ Não subscrevendo o realismo ingênuo, o autor timbra o humano com a faculdade criativa que ‘assina’ a dimensão axiológica da realidade em que está.⁴⁰ Em consequência, há, no entender de Rolston, uma dupla dimensão da apreciação estética – subjetiva e objetiva – integrada numa relação que, segundo o autor, carece de clarificação e aprofundamento. Se, por um lado e, em certo sentido, se pode falar de um poder estético da natureza, pela sua capacidade de produzir propriedades que modelam a experiência estética, por outro é a subjetividade humana que constrói essa experiência como estética, em verdade afirma Rolston, “As emoções humanas andam a reboque das moções da natureza” (ROLSTON, 1988, p. 235, tradução nossa).⁴¹

A experiência da beleza surge de facto no contemplador, mas trata-se de uma experiência de quê? É uma experiência da forma, estrutura, integridade, ordem, competência, força muscular, resistência, movimento dinâmico, simetria, diversidade, unidade, espontaneidade, interdependência, defesa da vida, poder regenerativo, especiação e por aí fora. Tudo isto já lá está antes dos humanos surgirem, são os produtos de uma natureza ecossistêmica e evolucionariamente criativa; e quando os seres humanos as avaliam como estéticas essa experiência está a ser justaposta às propriedades naturais (ROLSTON, 2008, p. 330).⁴²

Considerações finais

No momento conclusivo e dadas as teses da estética de Berleant e as objeções que lhes foram lançadas por Holmes Rolston, consideramos que:

- a) assumindo que o *Há* prévio do mundo o afirma como presença, exterioridade e anterioridade face ao humano;
- b) pressupondo que uma ética do ambiente não é simplesmente uma “estética do corpo” (humano) mas que alarga as fronteiras da comunidade moral a toda a comunidade biótica (LEOPOLD, 1966);
- c) rejeitando, tal como Rolston, a visão monista da realidade, assente num hipertrofiado sujeito que vê o mundo como construção própria enraizada nas suas impressões/sensações;
- d) considerando que o ponto de partida da experiência estética é a percepção, e por conseguinte na sua imediatidade é, com efeito, uma experiência do corpo;
- e) partilhando com Rolston a convicção de que a experiência estética da natureza conduz, deve conduzir, a uma ação de preservação e respeito, i.e., a uma ética ambiental;

³⁸ Do original: Apparently then, we are going to have look all over the world, the Earth, to find nature for real. No, the search is impossible – the objectors continue – because the problem is not what we are looking at, some world-Earth, it is what we are looking with, a world-view; our reason, our culture and its words [..]. We can hardly have descriptions, much less valuations, of nature as it lies outside of us. That is “the world well lost”.

³⁹ “Nature can do much without culture – the several billion years of evolutionary history are proof of that. Culture, appearing late in natural history, can do nothing without nature as its ground. To use a word in some disfavour, in this *foundational* sense, nature is the given [...] rather than culture *constituting* nature, nature here is *constitutional* for culture. No culture can ever be independent of nature. Culture will always have to be constructed (constituted) out of nature” (ROLSTON, 2001, p. 275). Evocamos, neste sentido as palavras de Leopold: “Wilderness is the raw material out of which man has hammered the artifact called civilization” (LEOPOLD, 1966, p. 264).

⁴⁰ ROLSTON, 1997, p. 62.

⁴¹ Do original: Human emotions track the motions of nature.

⁴² Do original: The experience of beauty does arise in the beholder, but is this experience of? It is of form, structure, integrity, order, competence, muscular strength, endurance, dynamic movement, symmetry, diversity, unity, spontaneity, interdependence, lives defended, coded in genomes, regenerative power, speciation, and so on. These events are there before humans arrive, the products of a creative evolutionary ecosystemic nature; and when we humans value them aesthetically, our experience is being superposed on natural properties.

- f) alegando que as diferentes dimensões do humano – conhecimento, estética e ética – não são dimensões estanques, mas interrelacionadas.

Defendemos que esse *continuum* da mente humana se deve refletir na ação ambiental no modo de engajamento/comprometimento de que fala Berleant. A Terra é com efeito fonte de ser. Vem entranhada no humano de um modo que o compromete. Que o deve engajar. A experiência multissensorial que a apreciação estética faculta deverá constituir o ponto de partida do comportamento moral.

Pois, como declaram Rolston e Aldo Leopold, é na apreciação do belo natural que o sujeito contemplativo descobre o respeito pela natureza e o desejo de agir para preservar e, por isso, afirmamos que uma estética da natureza é uma parte fundamental de uma ética ambiental.

Referências

BECKERT, Cristina. A Estética do Invisível na Natureza. *Philosophica*, Lisboa, n. 29, p. 7-17, 2007.

BERLEANT, Arnold. *The Aesthetics of Environment*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

BERLEANT, Arnold. *Living in the Landscape, Toward an Aesthetics of Environment*. Kansas: University Press of Kansas, 1997.

BERLEANT, Arnold. Ideas for a Social Aesthetic. In: LIGHT, Andrew; SMITH, Jonathan (ed.). *The Aesthetics of Everyday Life*. New York: Columbia University Press, 2005. p. 23-38.

BERLEANT, Arnold. Estética da Arte e Natureza. Tradução de Luís Sá. In: SERRÃO, Adriana Verissimo (coord.). *Filosofia da Paisagem, uma Antologia*. Lisboa: CFUL, 2011. p. 282-292.

BERLEANT, Arnold. Estética e Ambiente. Tradução de Luís Sá. In: SERRÃO, Adriana Verissimo (coord.). *Filosofia da Paisagem, uma Antologia*. Lisboa: CFUL, 2011. p. 378-394.

LEOPOLD, Aldo. *A Sand County Almanac, With Essays on Conservation from Round River*. New York: Ballantine Books, 1966.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, M. *L'Œil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, 1964.

ROLSTON III, Holmes. Are values in Nature subjective or objective? *Environmental Ethics*, Charlottesville, v. 4, p. 125-151, 1982.

ROLSTON III, Holmes. Beauty and the Beast: Aesthetic Experience of Wildlife. In: DECKER, Daniel; GOFF, Gary (ed.). *Valuing Wildlife: Economic and Social Perspectives*. Boulder: WestView Press, 1987. p. 187-196.

ROLSTON III, Holmes. *Environmental Ethics: Duties to and values in the Natural World*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

ROLSTON III, Holmes. Does Aesthetic Appreciation of Landscapes Need to be Science-Based? *British Journal of Aesthetics*, Oxford, v. 35, n. 4, p. 374-386, oct. 1995.

ROLSTON III, Holmes. Nature for Real: Is Nature a Social Construct? In: CHAPPELL, T. D. J. (ed.). *The Philosophy of Environment*. Edinburgh: University of Edinburgh Press, 1997. p. 38-64.

ROLSTON III, Holmes. Aesthetic Experience in Forests. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, Oxford, v. 56, n. 2, p. 157-166, spring 1998.

ROLSTON III, Holmes. Aesthetics in the Swamps. *Perspectives in Biology and Medicine*, Baltimore, v. 43, n. 4, p. 584-597, summer 2000.

ROLSTON III, Holmes. From Beauty to Duty: Aesthetics of Nature and Environmental Ethics. In: CARLSON, Allen and LINTOTT, Sheila (ed.). *Nature Aesthetics and Environmentalism, From Beauty to Duty*. New York: Columbia University Press, 2008. p. 325-337.

VARANDAS, Maria José. *A Natureza: solo de conjunção da Ética e da Estética*. Saarbrücken, Deutschland: Verlag/ NEA, 2016.

Maria José Varandas

Doutoramento e mestrado em Filosofia, no ramo de especialização de Filosofia da Natureza e do Ambiente, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal. Licenciatura em Filosofia. Membro Permanente do Centro de Filosofia da FLUL. Presidente da Sociedade de Ética Ambiental (2010-2016) e membro da direção (2016-2021).

Endereço para correspondência

Maria José Varandas

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.